

## A LITERATURA-MUNDIAL E O SISTEMA- MUNDIAL MODERNO

- EDITORIAL Nº 40 -

Atribui-se a Goethe tradicionalmente a cunhagem do termo *Weltliteratur*, conceito que tem vindo a ser desenvolvido e aplicado de maneiras múltiplas desde então e que representa hoje em dia – principalmente na sua versão inglesa, *World Literature* – um dos campos mais férteis e mais contestados dos estudos literários. Aliás, o próprio termo resiste a uma tradução simples, pois o seu significado é sutilmente alterado em várias línguas. Se inicialmente o termo já designava um desejo cosmopolita, ainda padecia naturalmente de uma visão tradicional e diretamente associada a noções românticas de gênio e do que deveria ser o cânone de grandes autores. Depois de ser usado principalmente para referir um grupo de grandes expoentes da literatura ocidental, com raras inclusões de outras culturas, o conceito de *World Literature* começou a ser explorado e debatido em vários contextos académicos e teóricos. Sarah Lawall,

Cristopher Prendergast, Pascale Casanova, Franco Moretti, David Damrosch, Emily Apter, entre outros, contribuíram vigorosamente para trazer à luz algumas das questões fundamentais sobre os estudos literários no presente.

Franco Moretti, em dois ensaios fundamentais, “Conjectures on World Literature” (2000) e “More Conjectures” (2003), publicados na *New Left Review*, assumiu uma posição distinta e com ramificações heurísticas para uma reconceituação, além do cânone tradicional, e com base no fundamento proporcionado pela teorização do Sistema-Mundial Moderno de Immanuel Wallerstein. Em 2015, com a publicação de *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-Literature*, a Warwick Research Collective (WReC) lançou as bases para se poder aplicar as sugestões de Moretti e a teoria de Wallerstein de modo sistemático e metódico numa perspectiva materialista. A definição de *World-Literature* sugerida pela WReC é simples: a literatura-mundial é a literatura do sistema capitalista moderno.

Uma das preocupações subjacentes à proposta da WReC centra-se nas relações entre centro e periferia e na necessidade de as pensar de modo diferente: não só recusando a primazia assumida pelo centro, como reconhecendo que a modernidade, tal como Fredric Jameson propõe, é singular. Esta teorização

da Literatura-Mundial – refletindo a designação de Wallerstein – entende-se como uma forma de teoria crítica oposta à hegemonia cultural, política, e económica do presente que se apropria de tudo e todos ao mesmo tempo que alastra e expande o manto da desigualdade.

O debate sobre o conceito de Literatura-Mundial necessita levar em conta realidades múltiplas. As várias literaturas de língua portuguesa, no seu ténue equilíbrio entre centro e periferia, constituem um campo privilegiado para se pensar a Literatura-Mundial. Não se trata de ver a Literatura Brasileira ou Portuguesa ou Angolana e todas as escritas em Língua Portuguesa, ou, tampouco, algumas obras mais reconhecidas, tal como “O Manifesto Antropofágico”, *Os Lusíadas*, ou *Luuanda* como figurando nas constantes antologias da Literatura Universal, Global ou Planetária, mas, sim, trata-se de pensar em como essas literaturas, ou “obras primas” contribuem para uma reconfiguração da Literatura-Mundial.

Deste modo numa tentativa de alargar este trabalho urgente de pensar a Literatura-Mundial, de modo teórico e sistemático, não só na sua viabilidade no contexto das Literaturas de Língua Portuguesa, como em relação com, e a partir de um contexto tido como periférico em geral, VIA ATLÂNTICA realizou o convite

para que pesquisadores refletissem acerca da “Literatura-Mundial e o Sistema-Mundial”.

O projeto foi ambicioso e custou-nos mais tempo do que o necessário para uma revista de publicação semestral, mas gerida por docentes envolvidos com projetos além da empresa editorial. O projeto incluía a publicação em português de ensaios cuja autoria é de pesquisadores internacionalmente identificados com o tema, ao lado de reflexões de outros pesquisadores que se dispunham a pensar e refletir acerca da proposta, alargando-a ou questionando-a.

Ainda com uma discussão tímida a respeito, temos, todavia, como clara a evidência de que o Brasil não chega com atraso ao debate. Após a publicação em 2020, pela editora da Unicamp, de *Desenvolvimento combinado e desigual – por uma nova teoria da literatura-mundial*, apresentado em resenha por Maria Elisa Cevasco, podemos dizer que a discussão chegou não com o sabor de novidade oriunda dos centros de produção de conhecimento do Velho Mundo, mas como uma provocação e um convite à nossa contribuição com originalidade e ousadia.

Convite e provocação aceitos, recebemos contribuições inestimáveis. A começar por quatro ensaios originais, inéditos em Língua Portuguesa, e um inédito de autores e pesquisadores do WReC. Contamos ainda com uma importante entrevista realizada com os pesquisadores do WReC. A esse importante con-

junto de reflexões juntaram-se outros pesquisadores que se dispuseram a pensar o lugar da literatura-mundial a partir de suas especialidades, desde Cabo Verde, a Costa do Marfim ou o Índico.

O convite permanece. Acreditamos que a Universidade Brasileira não pode se furtar a intervir nesse debate que vem dominando internacionalmente a Literatura Comparada e definindo rumos para o ensino, a pesquisa e a disseminação da Literatura. Apesar dos esforços atuais de descolonização de currículos, da América do Norte à Europa, parecerem não nos contemplar, é visível que, internamente, vivamos processo semelhante: o estudo e a compreensão da Literatura, em geral, e da Literatura Brasileira, em específico, sofrem transformações que convergem às discussões proporcionadas pelo tema da Literatura-Mundial. O crescente reconhecimento da Literatura Brasileira de autoria afro-descendente como eixo fundamental de sua constituição, ao lado do também reconhecimento de obras, autores e sistemas literários tradicionalmente não hegemônicos (por serem tratados como regionais ou, quando nacionais, não pertencentes ao famigerado cânone ocidental) são processos que dialogam diretamente com a proposta do WReC que, temos certeza, provocará debates e discussões entre nós, falantes e leitores da Língua Portuguesa, no Brasil e no Mundo.

Precisamos ainda destacar que este número de VIA ATLÂNTICA chegou ao público com certo atraso devido não apenas a problemas internos de gestão da revista, mas também pelo cuidado que procuramos ter com as traduções, sempre imperfeitas. Registramos, ainda, o agradecimento pelo apoio inestimável da **Agência de Gestão da Informação Acadêmica da Universidade de São Paulo - AGUIA** que, por meio de seus editais anuais, proporcionou-nos os meios para a conclusão deste projeto.

Emanuelle Rodrigues dos Santos –  
*University of Birmingham*

Mário César Lugarinho –  
*Universidade de São Paulo*

Paulo de Medeiros –  
*University of Warwick*